



GRUPO POESIA: A ESCRITA NUMA UNIDADE PSIQUIÁTRICA

POETRY GROUP: WRITING IN A PSYCHIATRIC UNIT

Huascar Ariel Telleria Brink

Artista Plástico, Especialista em Saúde Mental e Coletiva

E-mail: huascartelleria@hotmail.com

Instituição: Hospital Psiquiátrico São Pedro - Porto Alegre - RS

RESUMO

Este trabalho procura contar a experiência vivenciada por um artista plástico durante o Programa de Residência Integrada em Saúde, ênfase em Saúde Mental Coletiva, junto a um grupo rotativo de mulheres internadas na Unidade Mário Martins Feminina do Hospital Psiquiátrico São Pedro, no município de Porto Alegre/RS. O Grupo Poesia foi criado com o objetivo principal de proporcionar um espaço de acolhida, de socialização e integração, utilizando a linguagem escrita e a plástica, como recursos terapêuticos. Durante a sua realização, no período compreendido de outubro de 2005 a janeiro de 2006, percebeu-se que, a partir do escrito e do desenhado, as participantes puderam tomar consciência, ler-se, observar-se, e no ato de reconhecer as próprias "palavras", ser capazes de discutilas ajudando, desta forma, a recuperar a subjetividade, a autoria e a auto-estima das participantes.

PALAVRAS-CHAVE

Socialização. Saúde mental. Terapias Sensoriais através das Artes.

ABSTRACT

This work aims at reporting on the experience of a plastic artist during the Program of Integrated Residence in Health, emphasis on Collective Mental Health, with a rotating group of women confined in the Mário Martins Feminine Unit of the São Pedro Psychiatric Hospital, in the city of Porto Alegre, RS. The Poetry Group was created with the main goal of providing a reception, socialization and integration space, by using the written and the plastic language as therapeutic resources. During its accomplishment, in the period of October 2005 to January 2006, we perceived that from the exercise of writing and drawing, the participants could become aware, read, watch themselves, and in the act of recognizing their own words, be able to debate them; thus helping to recover their subjectivity, authorship and self-esteem.

KEY WORDS

Socialization. Mental health. Sensory Art Therapies.



INTRODUÇÃO

O Grupo Poesia surgiu durante a prática do Programa de Residência Integrada em Saúde Mental e Coletiva, no período de outubro de 2005 a janeiro de 2006, na Unidade de Internação Mário Martins Feminina do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, RS. O início do grupo teve o apoio do poeta Jorge Bernardes Junior, o qual trabalhou voluntariamente e ajudou na coordenação das atividades que combinavam a produção escrita com outros recursos artísticos como o desenho, a pintura, o *collage*. As atividades contavam com a supervisão semanal do Núcleo de Artes do HPSP e com o acompanhamento do Serviço de Psicologia da referida unidade.

A PALAVRA ESCRITA

As coisas que dizemos nos produzem coisas. As coisas que produzimos dizem coisas. Inventar outras narrativas nos insta a repensar as histórias nas que estamos implicados, produzindo outras (REISIN, 2005, p. 39).

Pensamos com palavras e, de modo geral, nos comunicamos com elas. A linguagem escrita forma parte do cotidiano como ferramenta de comunicação e expressão dos sentimentos, pensamentos, lembranças, desejos, etc.

Mas, qual a diferença entre dizer e escrever o que sentimos? E o que acontece quando não sentimos vontade de fazer uso da fala? Ou por alguma razão - seja de natureza física ou psicológica - estamos impossibilitados da mesma?

Segundo Reisin (2005), a escrita não acontece apenas pelo simples gesto de pegar um lápis e papel, mas sim de cada experiência, pensamento, emoção - por mais longínquo que possa parecer - que se ligou a este ato: "escrever é abrir o espaço para construir pontes com palavras, entre distantes questões inter-

nas [...] é dar forma a estes conteúdos que empurram por vir à tona" (REISIN, 2005, p.156). Neste trabalho "poesia" é entendida - segundo a definição grega dada por Mora (1965) como a criação através da palavra escrita. Tanto Platão quanto Aristóteles a consideravam um modo de imitar, de *re-presentar* a realidade. Uma realidade que pode partir do mundo que vemos mas também do mundo que sentimos, lembramos, ou no qual desejamos viver.

No contexto das atividades realizadas no Grupo Poesia, o texto escrito como exercício criativo foi procurado como um dispositivo, não só para a manifestação de pensamentos e sentimentos, mas também como meio de corporificar essa instância original num outro objeto exterior, capaz de se apresentar como um espelho, refletindo a própria experiência e permitindo tomar consciência da mesma. Segundo Reisin (2005), no ato de escrever, a palavra e o sentir encontram-se impelidas a uma conexão. Ao procurar colocar sentimentos em palavras acontece uma transformação subjetiva, uma vez que ao conseguir transpor para o papel fatos, lembranças, desejos, promove-se a própria re-significação dos mesmos.

O referido autor destaca ainda que a escrita auxilia na organização das idéias, organização que é necessária para poder questionar-se, refletir, elaborar, não só o que dizer, mas também a forma de fazê-lo. Este aspecto constitui-se de vital importância. Durante o período de internação, a pessoa internada passa por momentos difíceis: medo, insegurança, confusão. A organização característica da escrita acaba também ajudando na recuperação da pessoa. Outro benefício importante da palavra escrita é que ela, por ser um objeto corporificado, se mantém sempre presente no tempo - o que não acontece com a palavra dita. Deste modo, a intervenção não precisa ser necessariamente no ato, ajudando assim a dar uma maior liberdade ao processo que está



sendo vivenciado pela pessoa, sendo que a mesma pode trabalhar com algo “visível” inúmeras vezes.

A (ESCRITA NA) UNIDADE MMF

A Unidade Mário Martins Feminina é um local de internação, no qual permanecem em média 28 mulheres entre jovens de 18 anos até senhoras de idade. Normalmente elas possuem uma renda financeira baixa/média e procedem principalmente da Grande Porto Alegre. As internações são realizadas por vontade própria, pelos familiares ou por via judicial, e normalmente duram em torno de um mês, não sendo raros os casos com várias internações. Os diagnósticos são variados: esquizofrenia, transtorno bipolar, depressão, entre outros. O atendimento é realizado pelos profissionais fixos da unidade — os quais são das áreas da medicina, enfermagem, psicologia, serviço social e terapia ocupacional — e por uma equipe interdisciplinar de residentes dos campos da enfermagem, serviço social, artes plásticas, educação física, medicina, terapia ocupacional e psicologia.

O Grupo Poesia foi criado com o objetivo principal de proporcionar na unidade um espaço de acolhida, de socialização e integração entre as pessoas internadas, utilizando a linguagem escrita e a plástica, como recursos terapêuticos. Os encontros realizaram-se durante os meses de outubro de 2005 a janeiro de 2006, e dirigiram-se principalmente ao atendimento de um determinado grupo. Nas tardes, entre as 15 e as 17 h, acontecia a recreação, serviço coordenado pela educação física, no qual se realizavam atividades externas como caminhadas, passeios, jogos. As pessoas que ainda não tinham liberação para tal atividade (seja por condições físicas,

risco de fuga ou de agressão), não queriam participar ou não podiam (devido à espera de exames ou visitas), ficavam sem atividades específicas.

METODOLOGIA

O cronograma de trabalho foi estabelecido nas quintas-feiras, das 15h 30min. às 17h 30min. De uma forma geral, os encontros foram aplicados de maneira autônoma, devido à frequência dos mesmos e também da rotatividade das participantes. Foram desenvolvidas numa sala ampla, com duas mesas rodeadas por bancos e um armário para guardar o material: livros, revistas, canetas, giz de cera, lápis, tinta guache, papel, cola e tesoura. As participantes compareciam voluntariamente, formando grupos de aproximadamente 8 pessoas em cada instância. No término das atividades, os coordenadores do grupo realizavam anotações para interesse próprio. As mesmas baseavam-se nas considerações sinaladas por Schweizer (1998, p. 68)

participação dos integrantes, tipo de linguagem e desenho adotado, o grau de abstração ou concreção, reações, humor, efeito da medicação, e as possíveis interpretações a partir dos comentários realizados pelas participantes ao longo das atividades.

É importante destacar que os coordenadores do grupo não procuraram trabalhar os encontros como se fossem uma oficina tradicional de poesia. O objetivo não estava centrado na aplicação de técnicas de escrita propriamente ditas, *mas* na primeira etapa da produção poética, a qual é descrita por Fonseca (2001) como o resultado de uma “alta motivação”, de uma inspiração movida por um impulso forte, latente.

AS ATIVIDADES

Pensamentos, sentimentos, sensações e intuições necessitam de espaços para voar; caso contrário, rapidamente perdem sua essência, seu sentido, seu poder (GUTTMANN, 2004, p. 87).

Iniciávamos os encontros conversando com as participantes - como tinham passado o fim-de-semana, como estavam se sentindo. Apresentávamos a proposta do grupo, enfatizando que este era um espaço só delas, no qual podiam expressar seus sentimentos e percepções, seus desejos, medos, e introduzíamos as novas integrantes. Geralmente adotávamos a proposta de temática livre, para que cada uma das participantes pudesse tomar iniciativa e escolher sobre aquilo que desejaria trabalhar. Também foram desenvolvidas atividades com tópicos específicos, como infância, sonhos e desejos. Contudo, percebemos que, para a maioria do grupo, a temática livre obtinha resultados mais ricos, já que se podia trabalhar as demandas das participantes mais propícias para aquele momento, tendo a atividade muitas vezes uma função catártica. Então, passamos a trabalhar com a temática livre e com a dirigida, propondo temas mais individualizados para quem nos solicitasse ou achássemos oportuno. Eram também trazidos livros e lidas poesias.

Para as pessoas que tinham dificuldade em começar, destacávamos que não era necessária uma grande inspiração para escrever e que procurassem primeiramente apenas tentar relaxar, que se podia iniciar com uma simples palavra... Notamos que muitas das integrantes - talvez pela associação dos materiais: papel e canetinhas - começavam primeiro a desenhar. Então, sugeríamos que depois escrevessem algo sobre o seu desenho. A utilização da linguagem plástica passou a ser naturalmente incentivada, tanto para quem preferisse co-

meçar com figuras para depois passar à escrita como para aquelas que quisessem ilustrar as poesias durante ou após a criação do texto. O desenho permitia também a participação daquelas que não sabiam escrever ou que tinham dificuldades para fazê-lo devido aos efeitos colaterais da medicação.

Durante a execução dos trabalhos, conversávamos com as participantes, orientando-as quando necessário. Embora acentuássemos a linguagem escrita e plástica com os seus elementos de expressão - rima, ritmo, forma, cor, espaço - procurávamos também estimular a fala dos trabalhos realizados. Ao término das atividades, incentivávamos a mostra e a discussão dos mesmos. Os diversos sentimentos, percepções e opiniões surgidos no decorrer das atividades eram comentados e compartilhados, procurando sempre associar as ações às vivências pessoais. Depois agradecíamos pela presença e participação de todas, e as convidávamos para o próximo encontro na semana seguinte. Quem queria levava os trabalhos, caso contrário, nós os guardávamos.

RELATOS

Nas produções realizadas foi percebida uma vontade recorrente de retornar à casa, bem como o desejo de rever a família e amigos. Algumas mulheres faziam cartas, outras escreviam como se sentiam, quais eram seus planos, desenhavam episódios da sua vida, onde moravam, o que gostavam ou gostariam de fazer. Com o intuito de tentar ilustrar os trabalhos realizados, serão apresentados quatro relatos. O primeiro é de S., uma mulher de 30 anos, com várias internações. Participava das atividades com frequência e ficava bastante concentrada na sua tarefa. Interagia pouco com os demais, sempre através de gestos, já que S. não se comunicava verbalmente. Nos seus desenhos, que lembravam traçados in-



fantis, apreciava-se a constância de um mesmo elemento: uma grande flor, centralizada, bem detalhada, de tonalidades suaves. Outro aspecto interessante era a simetria nas pétalas e folhas. Em certa ocasião, S. nos surpreendeu ao ler com muito interesse um livro de poesias, primeiro em silêncio, e aos poucos em voz alta. Enquanto lia, sorria de vez em quando. Até o presente momento, não sabemos que ela podia ler e pela primeira vez escutamos com prazer o som da sua voz. No próximo encontro, os desenhos florais deram espaço a uma carta destinada ao namorado, a qual abarcava toda a folha, tanto na frente quanto no verso. O texto de S. revelou-nos uma pequena parte do seu mundo interior que até então não era visível: a sua preocupação insistente com o seu namorado. Poucos dias depois, S. foi transferida para outro local, não sendo mais possível o contato com ela.

O segundo exemplo é o de C., uma moça de 28 anos que chamava atenção por sua educação e sensibilidade. Era bastante comunicativa e prestativa, sempre arrumando os materiais e a sala após os encontros. Nos seus trabalhos notava-se o cuidado que possuía com o seu fazer. Num deles, por exemplo, C. dividiu a folha em quatro quadrados: no primeiro desenhou três pequenas plantas com flores sob um céu de nuvens azuis. No segundo quadrado, as nuvens tornaram-se pretas, assim como os pingos de água da chuva que caíam sobre as plantas. Na terceira área, as nuvens recuperaram sua cor original, a chuva, agora azul claro, continuava caindo, mas as plantas já não possuíam mais flores. No último quadrado, já não chovia, ao contrário, havia um grande sol com pássaros e borboletas e as plantas estavam floridas novamente. Embaixo do seu desenho estava escrito: "No hospital é como um tempo nublado, onde passamos tempos chuvosos que acabam com nosso jardim de flores, mas no final da tempestade vem a bonan-

ça, as flores e o sol, a saúde, enfim o equilíbrio do corpo".

E. era uma mulher de 35 anos que tinha dificuldade em se manter concentrada, saindo e retornando algumas vezes da sala. Embora não permanecesse por muito tempo num mesmo lugar, conseguia interagir com as demais integrantes. Seus trabalhos eram realizados de maneira um pouco rápida, a maior parte deles contendo motivos florais. A escrita demorou a aparecer, numa primeira instância, de maneira aparentemente aleatória, misturava lembranças de sua vida com histórias de seres fantásticos e com fatos que acabara de ler em revistas. Nos últimos encontros, E. conseguiu comunicar algo mais estruturado e pessoal. Escreveu sobre a sua infância, comentando ter passado muita dor e sofrimento. Relata que quando tinha nove anos vivia na rua procurando comida, já que não possuía dinheiro para se alimentar nem para se vestir. No mesmo texto, também fez referência aos pensamentos que tivera naquela época questionando-se sobre como seria o seu futuro. Este texto foi uma boa oportunidade também para conversarmos sobre o seu presente e aquilo que pensava do seu futuro agora.

Para ilustrar o último relato, extraímos uma das anotações do diário do Grupo Poesia do dia 01/12/05: "Ao contrário dos outros encontros, hoje T. entrou na sala em silêncio e foi para um canto da mesa, permanecendo pensativa por uns instantes. Depois de conversarmos um pouco, ela escolheu o seguinte tema para seu texto: "A liberdade". O que mais nos chamou a atenção no seu trabalho não foi só a capacidade de argumentação e reflexão, mas o seu processo de criação: ela compartilhava conosco, de maneira preocupada, os seus pareceres antes e depois de escritos no papel, questionando-nos e questionando-se a cada parágrafo escrito(...) O texto, que ocupava mais de uma página, apresentava uma organi-



zação de pensamentos que os deixava longe de ser um simples fluxo de consciência (...) As primeiras frases eram de caráter mais categórico e auto-referente: “amo demais a liberdade [...]”, “liberdade para mim [...]”. Logo estabeleceu um diálogo com um possível leitor: “quem dera pudéssemos viver [...]”, ampliando a reflexão para fora da sua pessoa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idéia de um grupo de poesia dentro de uma unidade de internação psiquiátrica poderia, num primeiro momento, parecer um tanto utópica. Wordsworth (1750 apud FONSECA, 2001, p. 150) lembra que este gênero literário “nasce da emoção recordada em tranquilidade”. Talvez seja o ideal, da mesma forma como é o cuidado que deveríamos proporcionar as pessoas em crise, um ideal que infelizmente ainda está muito longe de ser alcançado. Contudo, apesar de todas as diversidades, o ser humano mostra-se capaz de criar. Ao comentar o ato criador Ostrower (1987) salienta que o mesmo não parte apenas de um desejo ou de um gosto, mas sim de uma necessidade. O homem “só pode crescer, enquanto ser humano, coerente, ordenado, dando forma, criando” (OSTROWER, 1987, p. 9).

O Grupo Poesia, formado basicamente por aquelas mulheres que não podiam ou não tinham condições de sair da unidade, aos poucos foi se constituindo em um espaço de convivência, no qual as integrantes foram resgatando aspectos de suas dimensões subjetivas. A escrita e o desenho, estes importantes veículos de expressão e comunicação, ajudaram a proporcionar em muitos casos um melhor autoconhecimento. A partir do escrito e do desenhado, as participantes puderam tomar consciência, ler-se, observar-se, e no ato de reconhecer as próprias “palavras”, ser capa-

zes de discuti-las. Benefícios valiosos, segundo Philippini (2004), advindos do processo criativo. Essas trocas de experiências, bem como a observação dos trabalhos, criaram situações de intercâmbio, aspecto denominado por Reisin (2001) como “química” de transformação, já que no encontro do próprio e do outro, cada participante pode modificar e ser modificado.

Foram construídos e compartilhados sonhos, desejos para depois da alta, cartas, lembranças — algumas agradáveis, outras nem tanto, desenhos de pássaros que podiam voar longe e de paisagens tranquilas, nas quais quase sempre se observavam casas e familiares. Alguns trabalhos eram feitos com calma e cuidado, outros de maneira rápida e compulsiva, onde surgiam riscos e formas abstratas aparentemente iguais, até que nos surpreendiam (ou nos deixávamos surpreender) e percebíamos que, mesmo nos casos mais graves, a condição psicótica não imperava sempre.

A utilização da escrita e dos meios plásticos como exercício criativo foi percebida como uma possibilidade de tratamento e recuperação das pessoas hospitalizadas. Liebmann (2000) lembra que a comunicação nem sempre é possível através da linguagem verbal. O Grupo Poesia mostrou ser um espaço plausível para a expressão de emoções e pensamentos que às vezes só no papel se consegue fazer, seja por serem muito doloridos ou porque só são descobertos durante o processo de criação. Atividades deste tipo, que estimulam a capacidades de percepção e de criação deveriam ser incentivadas não só por “amenizarem” um pouco a dor sofrida durante a internação, mas principalmente por “fazerem bem”, ajudando na recuperação da subjetividade, da autoria, proporcionando um crescimento na autoestima e no autoconhecimento.





REFERÊNCIAS

- CIORNAI, Selma (Org.). **Percursos em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. 273 p.
- FONSECA, Orlando. **O fenômeno da produção poética**. Santa Maria: UFSM, 2001. 260 p.
- LIEBMANN, Marian. **Exercícios de arte para grupos**. São Paulo: Summus, 2000. 286 p.
- MORA, José. **Diccionario de filosofia**. Buenos Aires: Sudamericana, 1965. 1005 p. v. 2.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE. **Revista Internacional de Desarrollo Sanitário**, Genebra v.19, n.1, 1998. 89 p.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2002. 189 p.
- REISIN, Alejandro. **Arteterapia, semánticas y morfologías**. Buenos Aires: El Autor, 2005. 280 p.
- VALLADARES, Ana (Org.). **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004. 209 p.

